

PROPOSTA PARA A PROMOÇÃO DA AQUISIÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA LÍNGUA DE SINAIS PELA CRIANÇA SURDA

Laboratório de Investigação Fonoaudiológica em Audiologia Educacional, do Curso de Fonoaudiologia da Universidade de São Paulo.
Lichtig, I.¹; Slomski, V.²; Trettel, M.³; Barbosa, F. V.⁴;
Couto, M. I. V.⁵; Akyama, R.⁶

Em busca de um novo olhar sobre a surdez e a criança surda, o Laboratório de Investigação Fonoaudiológica em Audiologia Educacional, do Centro de Docência e Pesquisa em Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, mediante a parceria com surdos adultos e outros profissionais, desenvolve um programa de atendimento em surdez voltado para o desenvolvimento das habilidades e competências lingüísticas, comunicativas e auditivas das crianças surdas numa abordagem bilíngüe (*Língua de Sinais/Língua Oral*), pois entende que este é um modelo de atendimento que não afeta as experiências psicossociolingüísticas das crianças e as respeita em seus contextos socioculturais. O objetivo maior deste trabalho é melhorar as condições de interação e comunicação entre as crianças surdas, a família, a escola e a sociedade.

O Bilingüismo, de acordo com autores como SANCHÉZ 1990; 1991; SKLIAR et. al. 1995; 1997b; PICKERSGILL 1998, tem como base uma visão de minoria lingüística da comunidade surda e um modelo social de atendimento à surdez. Define-se como sendo uma proposta que, apoiada pela comunidade de surdos, pressupõe o reconhecimento do direito da criança surda adquirir o mais cedo possível a Língua de Sinais, como sua *primeira* língua (L1), ponto central para o desenvolvimento dos *processos de identificação pessoal, social e cultural*, bem como base para sua edificação escolar e para o aprendizado da *segunda* língua (Língua Portuguesa, no caso do Brasil). Estes pressupostos implicam:

- No reconhecimento do valor do pluralismo lingüístico e cultural em sociedade, isto é, **tolerância lingüística**;
- Na remoção de estigmas de opressão e capacitação das pessoas surdas;
- Na igualdade de oportunidade indiferentemente da língua, etnia, raça, gênero e deficiência;
- No reconhecimento do direito que tem as crianças que falam uma língua minoritária de ter as mesmas oportunidades de desenvolvimento lingüístico e comunicativo que as crianças que falam a língua oficial do seu país;

¹Docente da Área Temática da Educação Especial – Programa de Pós - Graduação da FEUSP e Livre Docente da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo – FMUSP.

²Pedagoga e Doutoranda da área temática da Educação Especial – FEUSP.

³Surda Instrutora da Língua de Sinais do Laboratório de Investigação Fonoaudiológica em Audiologia Educacional.

Ou seja, a proposta bilíngüe para crianças surdas possui como princípio o fato de que elas são usuárias naturais de uma língua adaptada às suas experiências de mundo e às suas capacidades de expressão e compreensão através da Língua de Sinais (Kozlowski, 2000). Sendo assim, promove o uso de duas ou mais línguas e reconhece a Língua de Sinais como uma língua legítima, que pode ser adquirida através de um processo natural durante o período de desenvolvimento da criança surda.

Mas, para que um modelo de educação bilíngüe seja implementado é preciso haver mudanças filosóficas e de atitudes frente à educação do surdo, requerendo alterações estruturais e organizacionais (Pickersgill e Gregory, 1998).

Dessa forma, os serviços que se propõem a desenvolver programas de intervenção bilíngüe com indivíduos surdos, precisam discutir e rever suas concepções de surdez e oferecer a estes, o acesso à Língua de Sinais e à língua majoritária de seu país, seja na modalidade escrita e/ou oral.

Além disso, mudanças de atitudes e da estruturação das equipes de trabalho são fundamentais para oferecer às crianças surdas o pleno desenvolvimento de suas capacidades, garantindo a aquisição, a utilização competente de uma língua e o estabelecimento de uma identidade própria.

Nesse sentido, a inclusão de usuários nativos da língua de sinais (surdos adultos) na equipe profissional é considerada essencial, uma vez que eles podem transmitir esta língua naturalmente para as crianças surdas, possibilitando seu desenvolvimento lingüístico, cognitivo, emocional e educacional (Lane et al, 1996). Os adultos surdos estão também, mais capacitados a entender as crianças surdas, principalmente nos casos em que a linguagem está irregular, alterando mais facilmente sua própria língua para ir ao encontro das suas necessidades (Young et al, 1998). A participação do surdo adulto na educação da criança surda também permite que a identidade e cultura surdas estejam asseguradas, favorecendo o desenvolvimento de um auto-conceito positivo (Moura et al, 1997; Collins, 1988; Kozlowski, 2000; Mason, 1991).

Visando propiciar o acesso das crianças surdas e seus familiares à língua de sinais, o Laboratório de Investigação Fonoaudiológica em Audiologia Educacional criou um espaço no qual as crianças têm a oportunidade de interagir com uma instrutora surda, e assim, estabelecer as bases para a aquisição da língua de sinais. Os familiares dessas crianças também são contemplados no sentido de manter o contato com a língua de sinais através da instrutora surda o que promove, além do aprendizado da Língua de Sinais – que promoverá maior fluência na comunicação com as suas crianças – a possibilidade da visão do “crescer surdo”, de relacionamentos positivos e modelos de conquistas e posições sociais (Lane et al, 1996; Young et al, 1998).

⁴Fonoaudiólogo, Mestrando da área de Fisiopatologia experimental da FMUSP e Intérprete da Língua de Sinais do Laboratório de Investigação Fonoaudiológica em Audiologia Educacional.

⁵Técnico do Curso de Fonoaudiologia da FMUSP, Doutoranda na área de Fisiopatologia Experimental da FMUSP.

⁶Fonoaudióloga, Mestranda da área de Fisiopatologia experimental da FMUSP.

Neste sentido, apresentamos uma proposta para ser implementada em grupos de crianças surdas, visando a aquisição de bases lingüísticas para a Língua de Sinais e o desenvolvimento da mesma.

PROPOSTA (sugestão para desenvolvimento semestral em sessões semanais de 45 minutos).

OBJETIVO GERAL

- Propiciar bases para que as crianças surdas possam adquirir a Língua de Sinais.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS EM CADA GRUPO DE CRIANÇAS:

GRUPO 01 – DE 0 A 3 ANOS DE IDADE

OBJETIVO

Estimular o desenvolvimento lingüístico e cognitivo das crianças surdas através da exposição à língua de sinais.

CONTEÚDO

Exploração de: 1) direcionamento da atenção; 2) contato de olho; 3) categorização (animais, objetos etc); 4) nomeação (substantivos, vocabulário.); 5) itens suprsegmentais da Língua de Sinais.

PROCEDIMENTOS

O método/estratégia tendo como base a interação/diálogo em Língua de Sinais ocorre de acordo com os objetivos estabelecidos para cada conteúdo. Ex: Uso de materiais como brinquedos para estimulação das expressões faciais, do direcionamento adequado do olhar, da atenção etc.

GRUPO 02 – DE 03 A 07 ANOS

OBJETIVO

Estimular o desenvolvimento da Língua de Sinais através de atividades estruturadas com uso instrumental da Língua de Sinais.

CONTEÚDO

Exploração de: 1) vocabulário básico, nomeação; 2) verbos; 3) interrogativos ; 4) numerais; 5) adjetivos.

PROCEDIMENTOS

O método/estratégia tendo como base a interação/diálogo em Língua de Sinais ocorre de acordo com os objetivos estabelecidos para cada conteúdo. Ex: história em quadrinhos, em vídeos, livros de história, desenhos, dramatizações etc.

GRUPO 03 - 07 - 15 ANOS**OBJETIVO**

Aprofundar os conhecimentos da Língua de Sinais através de atividades estruturadas para a estimulação direta da língua.

CONTEÚDO

Exploração de: 1) Cultura Surda; 2) Classificadores; 3) Processo anafórico; 4) Nomeação.

PROCEDIMENTOS

O método/estratégia tendo como base a interação/diálogo em língua de sinais ocorre de acordo com os objetivos estabelecidos para cada conteúdo, Ex: Tendo o diálogo em Língua de Sinais como base, utiliza-se de conversas informais sobre o cotidiano, a adolescência, a família, a mídia, comunidade surda, a escola etc.

ACOMPANHAMENTO DO NÍVEL EVOLUTIVO DAS CRIANÇAS

O acompanhamento das crianças ocorre com a observação dos avanços do seu próprio processo de apropriação de linguagem e da Língua de Sinais, sempre em relação ao seu próprio ponto de partida. Deste modo, utiliza-se como estratégia a produção lingüística em sinais, ou seja, capacidade de produção, argumentação, nível interpretativo e argumentativo, bem como adequação do discurso ao texto e ao contexto de produção. Após cada aula é feito o relatório onde são efetuados registros escritos que possam indicar essa evolução ou necessidade de adequação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1- PICKERSGILL, M. e GREGORY, S. **Sign Bilingualism**. LASER, London, 1998.
- 2- SANCHÉZ, C. **La Increible y Triste História de la Sordera**. Caracas: Editorial CEPROSORD, 1990.
- 3- _____. **La Educación de los Sordos en un Modelo Bilíngüe**. Mérida, Venezuela. 1a. Edición. 1991.
- 4- SKLIAR, C. ; MASSONE, M. I. ; VEINBERG, S. **El acceso de los niños sordos al bilingüismo y biculturalismo**. In: Revista Infancia y Aprendizaje. Buenos Aires, 1995. p. 84-100.
- 5- _____. **La educación de los sordos. Una Reconstrucción Histórica, Cognitiva y Pedagógica**. 1. Edição. Mendoza: EDUNIC/ Editora de la Universidad Nacional de Cuyo, 1997.
- 6- PICKERSGILL, M.; GREGORY, S.G. **Sign Bilingualism**. Laser publication, 1998, p. 1-9
- 7- KOZLOWSKI, L. A educação bilíngüe – bicultural do surdo. In: LACERDA, C.B.F. de; NAKAMURA, H.; LIMA, M.C. (org.) **Surdez e Abordagem Bilíngüe**. São Paulo: Plexus, 2000, ed., cap. 1, p. 80-98.
- 8- MOURA, M.C. de; LODI, AC.B. & HARRISON, K.M.P. História e Educação: o Surdo, a Oralidade e o Uso de Sinais. In: LOPES FILHO, O **Tratado de Fonoaudiologia**. São Paulo, Ed. Roca, 1997, cap. 16, p. 327-357.
- 9- COLLINS, J. The importance of Deaf and Hearing Adults working together. In: **Deaf Adults working in Education - Proceedings of a conference held in Derby**. November, 1988, p: 27-32.
- 10- KOZLOWSKI, L. A educação bilíngüe – bicultural do surdo. In: LACERDA, C.B.F. de; NAKAMURA, H.; LIMA, M.C. (org.) **Surdez e Abordagem Bilíngüe**. São Paulo: Plexus Ed., cap. 1, 2000 p. 80-98.
- 11- MASON, C. School experiences. In: TAYLOR, G.; BISHOP, J. (eds.) **Being deaf : The experience of deafness**. Open University, 1991, p.84-87.
- 12- LANE, H.; HOFFMEISTER, R.; BAHAN, B. Families with deaf children. In: ____ (eds.) **A Journey into the Deaf – World**. San Diego, CA: Dawnsign press, 1996, p.24-41.
- 13- LANE, S.T.M. Os fundamentos teóricos. In: GIORA, R.C.; GONZÁLEZ-REY, F.; LENZONI, A.M.; LANE, S.T.M.; ARAUJO, Y. (orgs.) **Arqueologia das Emoções**; Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1999. p.13..
- 14- YOUNG, A.M.; ACKERMAN, J.; KYLE, J.G. **Looking on: deaf people and the organization of services**. Bristol: Policy Press. 1998.